

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIV
N.º 675

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

CARTA à BERTA

Por MANUEL FERREIRA

POR esta é que eu não esperava! Ora, calculem os meus meninos que, num belo dia, estava eu muito descansado, no campo, quando ouvi uma restolhada. Ao mesmo tempo, por cima da minha cabeça, esvoaçavam passarolos.

Como estivesse a dormir, abri os olhos. Pasmei. Na minha frente, muitos animais, em bicha, esperavam que eu os atendesse.

Assim que acordei, um mocho pediu licença para falar. Era uma ave já velhota. Trazia óculos. Adiantou-se, dizendo:

— «Sei que o senhor é um nosso amigo e tem escrito a respeito do grande reino das bichezas, no *Pim-Pam-Pum*, esse jornalzinho para crianças que lemos com tanto agrado...»

Aqui, a bicharia interrompeu o orador com aplausos. Imperturbável, o mocho continuou:

— «Ora, na quinta do Valado, que é próxima daqui, mora uma menina chamada Berta, que maltrata todo o bicharoco que lhe caia nas unhas. De qualquer maneira, destrói os nossos colegas. Este estado de coisas não pode continuar!»

— «Muito bem! — (aplaudi eu) — Falas com muita lógica.»

Um nadinha vaidoso com o meu elogio, o mocho continuou:

— «Pois nós queremos que o senhor escrevesse uma carta à Berta, que podia ser, também, uma carta aberta aos leitorinhos do jornal.»

Concluí que o mocho não era nada tólo. Portanto, concordei, prontamente.



Preguntei:

— «E quais são os bichos que assfiam a carta?»

O passarolo fez as apresentações:

— «A Dona Cobra queixa-se de que não pode viver no seu buraco, onde apanha a bicharia má para a agricultura. Ainda há pouco, a Berta, ao vêr uma pele nas silvas, cuidou que fôsse uma cobra e, zã... bateu-lhe com um pau, inutilmente... O mestre sapo, que é tão prestável na horta, correu, ontem, o perigo de ser espetado numa cana. O lagartixo ficou sem o rabicho e, por causa disso, perdeu um casamento rico. O morcego, se não foge, era um ar que lhe dava. A pequena não sabe que o pardal, embora surripie algum trigoinho, é que salva as searas.

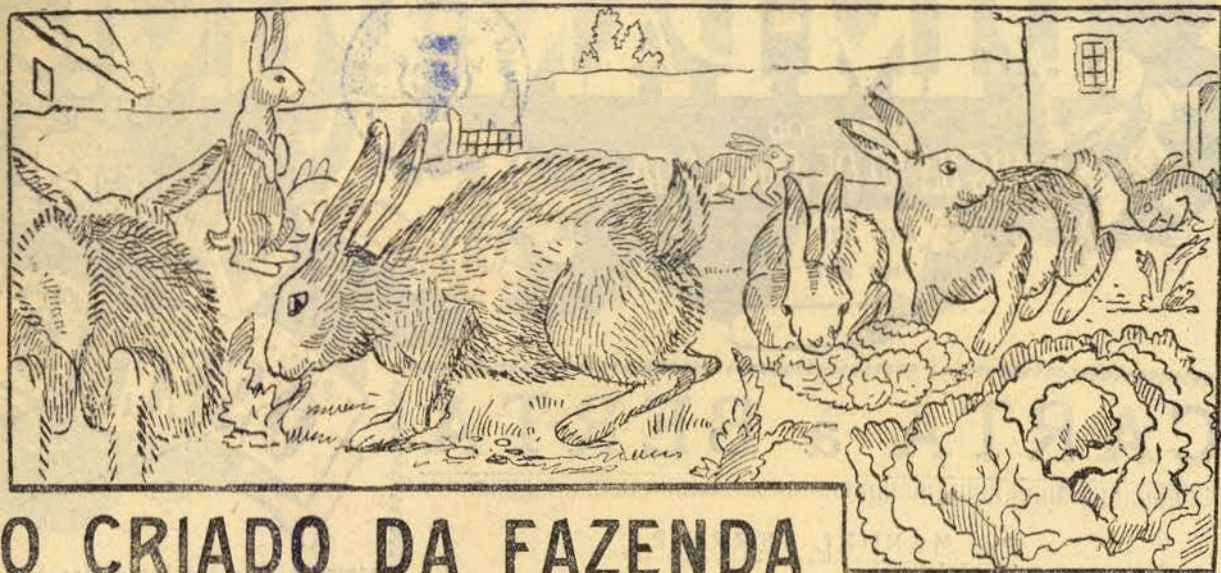
Até a aranha, que come o mosquedo, a Berta tem ódio. Se ela, um dia destes, quiz agarrar um ouriço!... Mas ele fez-se numa bola e ai dos pobres dedos da Berta...»

— «E a ti, mocho, que te fez ela?»

— «Nada porque ainda me não apanhou a jeito. Mas diz que eu sou agoureiro, que quando eu piei, lhe morreu a avó. Vejam lá se ela tem



(Continua na página 3)



O CRIADO DA FAZENDA

● ADAPTAÇÃO DE M. F. ●

O senhor Martins, proprietário duma fazenda numa aldeia lá para os lados de Torrões Vedras, teve de vir passar uns tempos a Lisboa por causa dos negócios. Deixou o Tobias, um rapaz provinciano, a tomar conta da casa e das terras.

Recomendou-lhe imensos cuidados. Que olhasse pela criação, pelo gado, pela horta; que tivesse muito olho nas fazendas, a fim de os animais da vizinhança não lhe estragarem as colheitas.

O Tobias prometeu assim fazer e o dono, fiado nas suas palavras, partiu para Lisboa.

Ora, certo dia, quando o senhor Martins descansava um pouco no hotel, recebeu uma carta dum vizinho:

Senhor Martins

Estimo que esteja de saúde, bem



com os seus, que nós, ao fazer desta, vamos não bem, graças a Deus.



Escrevo-lhe esta por via das suas fazendas. O Tobias deu em botar figura no jogo do chinquilho e, com respeito às suas obrigações, nem é bom falar nisso.

Cá a gente do lugar diz que se o senhor Martins não se pranta cá depressa, quando chegar, vê tudo em misero estado.

Queira desculpar este seu criado e obrigado

Mateus da Ana

O senhor Martins ficou abismado. Então, ele vinha para Lisboa, confiado em que o Tobias olharia por tudo e o maroto descuidava as suas obrigações?

Releu a carta, pensando, todavia, que seria exagero do sabão. Ou talvez o Mateus da Ana não estivesse em boas relações com o Tobias...

Pelo sim, pelo não, resolveu ir até à fazenda. Meteu-se no comboio e...

Chegado à aldeia, o senhor Martins encontrou o criado, que estava muito entretido a jogar o chinquilho. Com um ar severo, o patrão dirigiu-se ao Tobias e perguntou-lhe:

— «Olha, rapaz... Soube que tu andas sempre metido no jogo e desprezas a fazenda. Quero saber o que há!»

O Tobias coçou a cabeça, mastigou em seco, esgaratou os dentes e respondeu:

— «Salva o patrão que não há nada. Quero dizer...»

— «Queres dizer o quê? Desembucha...»

— «Quero dizer... morreu o galo grande.»

— «De quê?» — perguntou o senhor Martins, arreliado.

— «Cá a ideia que se me prantou no toutiço é que foi com saudades das galinhas.»

— «Das galinhas? Mas que sucedeu às galinhas?»

— «Morreram, por terem debicado no burro...»

(Continua na página 7)

OS DITOS DO ROGERINHO

Por MARIA AMÉLIA P. CARVALHO DE ALMEIDA

Não conhecem o Rogérinho, não? Então, eu apresento-o: Tem pouco mais de 3 anos; é gorducho, bonito, alegre e muito esperto. Seu maior defeito é ser demasiado turbulento mas tem uma qualidade tão boa e tão



grande que facilmente o atenua. E que adora seus pais, manifestando-lhes esse amor por todos os meios ao seu alcance. E, pela sua ingenuidade, essas manifestações revestem, por vezes, estes engraçados aspectos:

Sua mãe, numa expansão de ternura, beija-o, dizendo-lhe: — «Oh, meu filhinho, tu és o meu tesouro!»

Rogérinho retribui prontamente tal manifestação de ternura, o beijo, e (a seu modo) a frase, exclamando: — «E tu, minha mãezinha, és a minha tesoura!?!...»

De outra vez, indo passear, vê um polícia. Talvez por lhe achar qualquer semelhança física, diz com alvoroço, para sua madrinha que o acompanha: — «Olha... parece-me que aquele polícia é o meu paizinho!»

Ela, então, elucida-o:

— «Não pode ser, querido, porque o teu paizinho não é um polícia, é um paisano.»

Rogérinho, pequeno ainda, não compreende a resposta. Supõe, talvez, que a designação envolve um sentido deprimente e, erguendo para a madrinha



uns olhos faiscantes de indignação, responde, num ar repreensivo, destacando bem as sílabas: — «Não, madrinha! O meu paizinho não é um paisano... É um paizinho!»

Vejam, agora, que exemplo de filial ternura este Rogérinho dá a muitos meninos mais velhos do que ele...

F i m

UMA ANEDOTA

Por ACILEGRA

A janela da casa da Inha, dá para o extenso jardim onde, nas tardes primaveris, o primo Joãozinho dá as suas lições e brinca nas horas de recreio.

Um dia, Inha chamou-me, muito alvoroçada, e pediu-me que fôssemos até àquela janela. Curiosa, acompanhei-a. Chegados lá, quis saber qual o motivo do alvoroço da minha pequena companheira.

Era o Joãozinho que estava ansioso por brincar, e a professora, talvez para castigar aquela ansiedade, fazia-lhe ainda perguntas, a-pesar de haver já terminado a hora lectiva.

Joãozinho, a pouco e pouco, ia-se esgueirando, mas a professora não o perdia de vista... Perguntou-lhe:

— «Joãozinho, vá, só mais uma pergunta. Diga: como se chama um campo plantado de laranjeiras?»

— «Um laranjal! Deixa-me ir embora?»

A professora sorriu, encavalitou melhor os seus óculos azuis, encolheu os ombros e continuou:

— «Vai-se já embora mas responda-me primeiro: a um campo cultivado de pinheiros, que nome se lhe dá?»

Joãozinho sufocava, mas ainda pôde responder:

— «Um pinhal! Deixa-me ir embora?»

— «Sim; pode ir, — autorizou a professora — mas responda-me, antes, só a isto: — «Como se chama a um campo cultivado de trigo?»

Desta vez, Joãozinho não pôde mais; deita a correr pelo jardim e, já longe, volta-se e grita:

— «Chama-se um pão... zá... al!»

Eu e Inha, olhamos uma para a outra e rimos da maroteira.

Momentos depois, esta diz-me assim:

— «O primo cozeu excessivamente depressa o pão!... Por este andar, se lhe perguntam, um dia, como se chama um campo cultivado de algodão ou linho, é capaz de dizer que é uma corda de arame nas traseiras dum prédio, com camisolas, saias, vestidos e meias estendidas!»



Carta à Berta

(Continuação da página 1)

algun tino E, — (concluiu êle) — fico por aqui.»

Despediu-se de mim toda aquela bicharia e prometi-lhes satisfazer os seus desejos.

Portanto, meninos maus, prestem atenção. Há animais que o povo, erradamente, considera nocivos quando eles tanto nos auxiliam. Assim, os ignorantes matam os seus preciosos auxiliares. E tu, menina Berta, se continuas a proceder como até aqui, garanto-te que os bichos que me procuraram, irão castigar a tua grande maldade.



O COELHINHO COMILÃO

Por LUIZ VILALOBOS VIEIRA

CEDO, muito cedo, sem se importar com os caçadores que lhe rondavam a toca, e sem atender aos rogos de D. Coelha, sua esposa, o Coelhoinho Branco partira para a horta naquela manhã de chuvisco. Debalde D. Coelha lhe implorara que não saísse; não só por causa dos caçadores, como, também, para não deixar a família abandonada e à mercê do primeiro furão que desse com a toca. Coelhoinho Branco a nada atendeu, porque possuía dois horríveis defeitos: a teimosia e a gulodice. Talo de couve ou fôlha de alface que não fossem comidos no próprio dia em que tinham sido colhidos, já não lhe serviam.

Partira, pois, para a horta, demorando-se muito mais do que costumava no caminho, porque fora obrigado a dar muitas voltas e reviravoltas para escapar aos caçadores. Uma vez chegado à horta, fez a sua provisão costumada e regressou sem novidade à sua toca. Porém, ali, uma horrível verdade se lhe deparou. A toca estava deserta e por toda a parte se conheciam os vestígios de luta que a pobre D. Coelha sustentara com os assaltantes.

Como louco, o Coelhoinho Branco correu toda a toca, chamando em altos gritos pela mulher e filhinhos; mas foi tudo em vão e só a chuva miudinha lhe respondia na sua cantilena triste e abafada. Então, completamente fora de si, o Coelhoinho Branco desatou a correr deidamente pelos campos fora mas, em breve, teve de se acotar debaixo duma moita de medronheiros, completamente exausto pela corrida, e com o coração despedaçado pela desgraça

que a sua gulodice tinha ocasionado. Por cima do seu corpito, enregelado e trémulo, a chuva continuava a rufar a sua eterna e monótona cantilena e o

Nada disso! Louvado Deus! O Coelhoinho Branco morria com saudade dos filhos e da sua mulher.

Dois lagrimasitas, tão grandes como duas cabeças de alfinete, brotaram dos olhitos côr de rosa do Coelhoinho Branco. Assim ficou redimida a falta que os seus defeitos tinham produzido e, nesse momento, a pequenina alma do Coelhoinho Branco tornou-se tão alva como o pêlo que lhe cobria o corpo. Já não temia a morte e, docemente, fechou os olhos...

De súbito, o Coelhoinho Branco acordou estremunhado. Felizmente tudo fora um sonho. Olhando pelo cantinho do olho, êle podia vêr D. Coelha dormindo a sua sesta e os filhinhos amadorrados pelo calor daquele dia de estio.

Então, o Coelhoinho Branco prometeu a si mesmo emendar-se dos seus defeitos. O calor era insuportável e a luz que vinha de fora entontecia-o. O Coelhoinho Branco espreguiçou-se, cerrou de novo os seus olhitos côr de rosa e, mais uma vez, o seu entorpecido corpito de algodão em rama, se amalgamou na imobilidade do ambiente adormecido.



Coelhoinho Branco, envolvido numa grande tristeza, sentiu que ia morrer. Morrer! De quê? Ele só temia morrer de fome. De que morreria, então? E pouco a pouco, a tristeza mais o embocria, mais o apertava nos seus braços frios. Então, olhando o céu cinzento, o Coelhoinho Branco compreendeu que ia morrer de «saudade»; saudade talvez das couves e das alfices que abandonara tão precipitadamente.

F I M



PERIPEÇIAS DE TOBIAS FILÓSOFO

POR ISABEL AREOSA
DESENHOS DE ARCINDO



TOBIAS-filósofo era um sábio, um homem que se dedicava inteiramente à ciência. Apesar de ser um homem educado, não era, porém, uma pessoa de sociedade, isto é, não era um homem habituado a ir a banquetes, recepções, visitas, etc.

Excepcionalmente este ano aceitou um convite para passar a noite do «reveillon» em casa dum amigo que ofereceu uma festa a que assistiram altas individualidades.

Tobias-filósofo quis, então, esquecer um pouco os problemas científicos que preocupam sempre o seu cérebro e portar-se como uma pessoa da alta sociedade.

Vestiu uma casaca nova, pôs um colarinho de goma, e calçou uns sapatos de polimento.

Ai! Mas Tobias tinha calos! Os sapatos de polimento apertavam-lhe os dedos dos pés a tal ponto que Tobias por vezes via as estrélas. — «Isto é de não estar habituado» — dizia de si para si Tobias-filósofo. — «Daqui a pouco já devo sentir os pés mais à vontade.»

Quando chegou a casa do amigo, Tobias viu a sala repleta de convidados e andou à procura duma cadeira para se sentar.

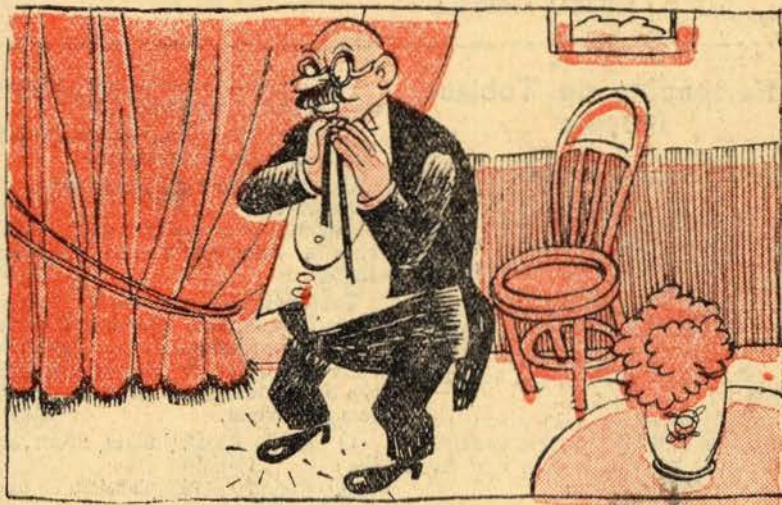
Porém, as cadeiras estavam tôdas ocupadas.

— «Ai! os meus calos!» Genia Tobias baixinho. Mas, para se poder

portar como uma pessoa da alta sociedade, Tobias fez, como se costuma dizer, das tripas coração; tratou de disfarçar a dor nos pés, e foi cumprimentar as senhoras conhecidas. Quando chegou à altura de cumprimentar a D. Julieta, a orquestra começou a

Tobias compreendia que ela estava mortinha por ir dançar.

Tobias, que não dansava tangos nem



tocar uma valsa. A D. Julieta era doidinha por valsas. Por isso, tratou de se pôr a elogiar a música, a ver se

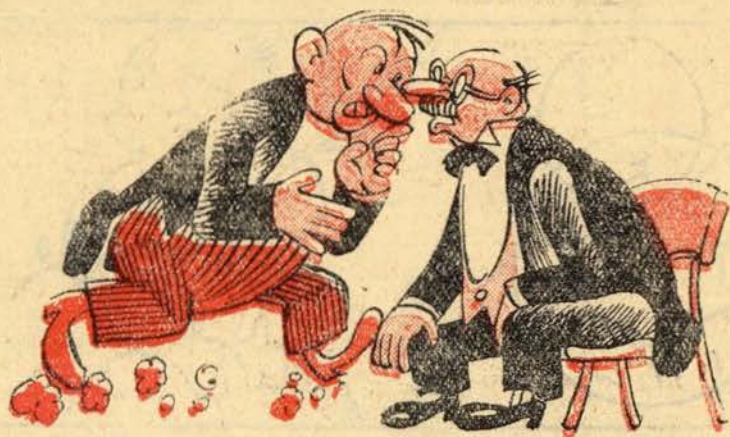
rumbas, vendo que se tocava uma valsa, e compreendendo as intenções da D. Julieta, por dever de cortezia, curvou-se diante da senhora para irem dançar.

A D. Julieta levantou-se muito lépida, mas, nessa altura, ai! os calos de Tobias deram-lhe três ou quatro guinadas, daquelas de se ver tôdas as estrélas do firmamento. Tobias, distraído, deixou de ver a D. Julieta que esperava na sua frente, e na sua frente Tobias só viu uma cadeira vazia. «Que achado! Uma cadeira vazia!...»

E sem, hesitar, Tobias-filósofo, sem filosofar um momento, sentou-se na cadeira com um grande suspiro de alívio.

— «Ai! Finalmente, encontro uma cadeira para me sentar!»

A D. Julieta, furiosa por ter perdido o lugar e a dança, foi-se embora a



(Continua na pág. 6)

O CESTINHO da COSTURA

■ SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA ■

Querida Julia:

Enfim, chegou a vez de satisfazer o teu pedido. Aqui tens um jôgo de cama para o teu feliz Bêbé!

Acho muito bem que o faças na escola com o auxilio da tua professora, tanto mais que, segundo me confessas, ainda fazes o recorte mal feito e queres aprender melhor.

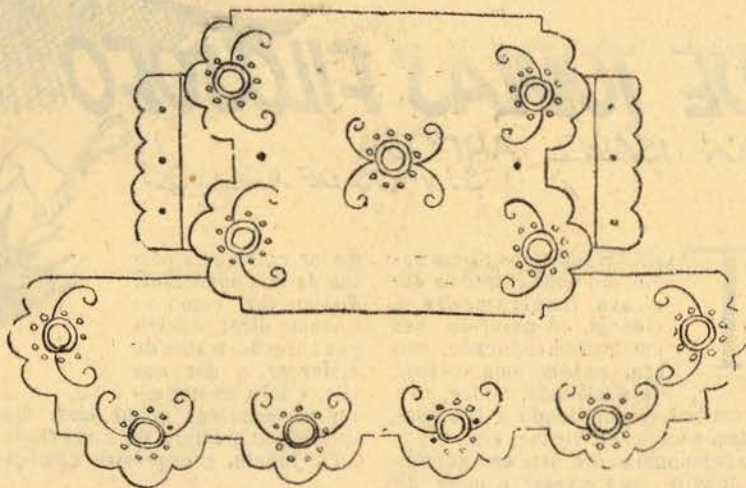
Ela te irá corrigindo os defeitos. Assim aprenderás e ficarás com um trabalho mais perfeito.

Vais executá-lo em pano de lençol côr de rosa ou azul, e bordá-lo-ás com linha brilhante branca.

Verás como o teu trabalho vai ficar bonito!

Sempre tua amiga,

ABELHA MESTRA



Peripécias de Tobias filósofo

(Continuação da página 5)

chamar-lhe malcriado e dali partiu direitinha a fazer queixa ao marido da partida que Tobias fizera de lhe roubar o lugar.

O marido, que não era para brincadeiras, foi por sua vez direito a Tobias-filósofo a pedir-lhe explicações:

— «O senhor sabe o que acaba de fazer?»

Tobias, que não dera ainda pela sua distracção de roubar a cadeira à D. Julieta, respondeu com o ar mais inocente dêste mundo:

— «Não, não sei!»

— «Ora essa, o senhor por quem me toma?! Por algum imbecil?»

— «Não, não tomo. Mas compreende... eu posso enganar-me.»

O marido da D. Julieta, fez-se de mil côres.

Chamou dois amigos para padrinhos e desafiou Tobias para um duelo.

Tobias-filósofo não era um homem de sociedade, mas não era, todavia, covarde, porque o ser valente não tem nada com o ser ou não ser uma pessoa de sociedade, e aceitou o duelo sem pestanejar.

O marido da D. Julieta, observou-lhe:

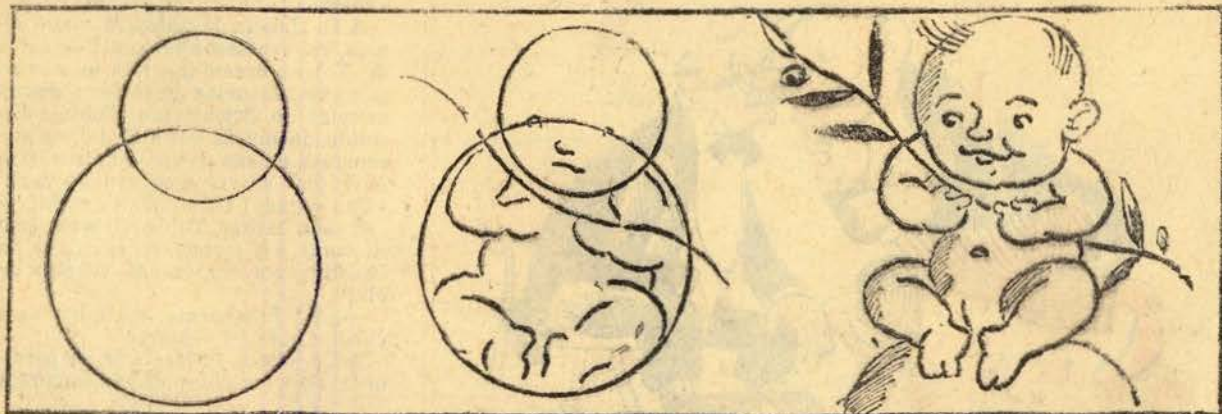
«O encontro será à pistola a 65 passos de distância.»

Mas Tobias-filósofo estava num dos seus dias infelizes. Vítima da sua permanente distracção, retorquiu:

— «Estou de acôrdo quanto aos 65 passos, mas proponho antes o duelo à espada...»

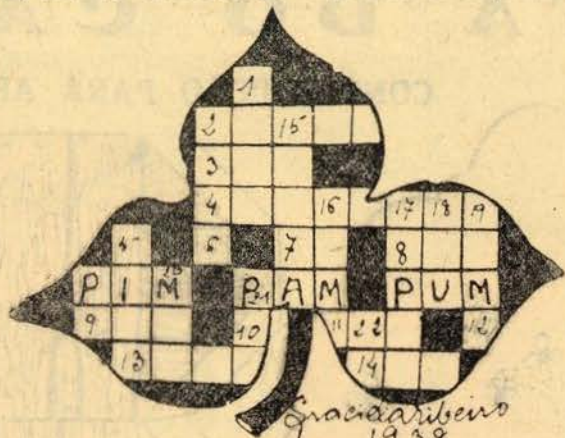


L i ç ã o d e d e s e n h o



Como se desenha um menino com um ramo de oliveira

PALAVRAS CRUZADAS O criado da fazenda



Graciosa Ribeiro
1958

Horizontais: — 1, consoante; 2, tempo do verbo sacar; 3, fileira de pessoas; 4, objecto, dentro do qual se coloca uma luz; 5, consoante; 6, vogal; 7, pronome pessoal francês; 8, tempo do verbo ir; 9, espécie de capa sem mangas usada em actos religiosos; 10, vogal; 11, pedra de altar; 12, vogal; 13, essência imortal do homem; 14, época.

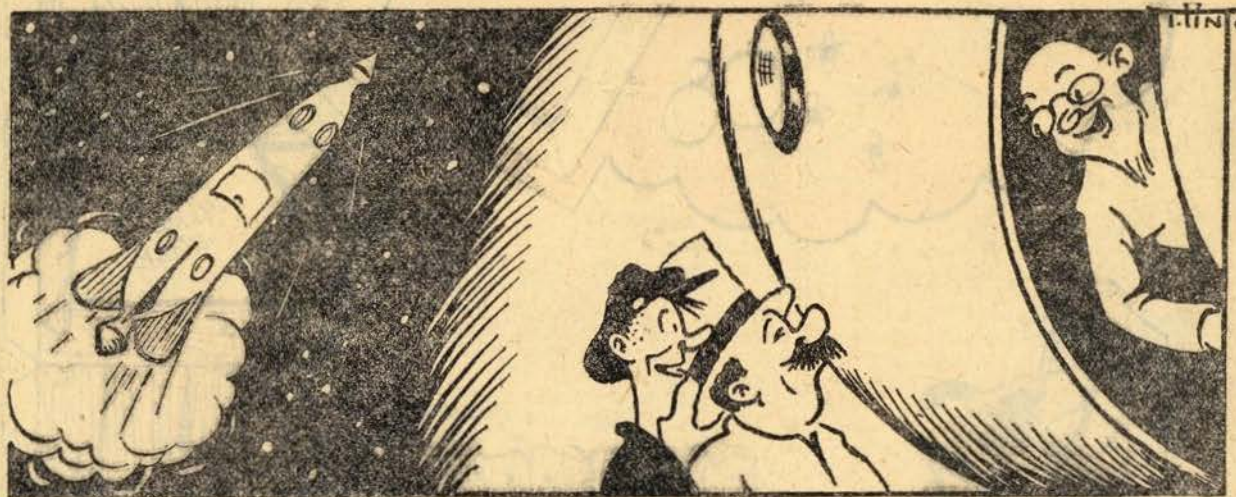
Verticais: 1, objecto onde se guarda a roupa; 2, compartimento de uma casa; 15, caldo de galinha; 16, tempo do verbo temer; 17, maneira usual de tirar a azeitona da árvore; 18, embarcação; 19, doença da respiração; 5, objecto onde se guarda grande quantidade de vinho; 20, o que é contrário ao bem; 22, nota musical.

(Continuação da página 2)

— «O quê, o burro morreu?»
 — «Morreu há coisa de quinze dias. Se calhar foi por ter puxado muito à nora. Afinal não valeu a pena...»
 — «Porquê, a horta não rendeu?»
 — «Não. Saiba o patrão que os coelhos dos vizinhos entraram lá e comeram o que lá encontraram. Já não havia quasi nada na fazenda.»
 — «Então, que aconteceu às colheitas, ao grão, ao feijão, ao tremoço?»
 — «As galinhas haviam entrado lá, também, e nem um grãozinho escapou.»
 — «Então, — tornou o senhor Martins furioso! — dizias tu que não havia nada, hein?»
 — «E é verdade, patrão, — respondeu o Tobias — Não há galo, nem galinhas, nem burro, nem horta, nem colheitas. Já vê que não há nada, mesmo nada...»

Fim

No próximo número:



“VIAGEM AOS PLANETAS”

Grandiosas e fantásticas aventuras de três amigos que, num foguete, vão visitar mundos desconhecidos.

HISTÓRIA TODA ILUSTRADA

«CONCURSOS RELAMPAGO»

O sucesso alcançado pela iniciativa dos nossos «Concurso Relâmpago», abrangendo poesias e contos infantis, excedeu a nossa expectativa, pois temos já em nosso poder bastantes pro-

duções que, pouco a pouco, irão sendo apreciadas pelo Juri e, quando dignas de classificação, oportunamente publicadas no nosso suplemento.

Publicamos hoje dois contos que me-

receram menção honrosa, um da autoria de Luís Navarro Vilalobos Vieira, intitulado: — «O coelhinho comilão», e outro de Maria Amélia Pinto de Carvalho de Almeida, com o título: — «Os ditos do Rogérinhos», o primeiro apresentado sob o pseudónimo de «Frei Braz» e o segundo sob a legenda: — «Flor Agreste.»

A CASOTA DO CÃO

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

